

Estados Britânicos durarem mil anos, os homens ainda dirão: “Este foi o seu melhor momento.”

A GUERRA DOS GUERREIROS DESCONHECIDOS

14 de julho de 1940

Transmissão de rádio, Londres

Para preparar o lançamento da Operação Leão-Marinheiro – código para a planejada invasão da Grã-Bretanha –, Hitler ordenou um bombardeio aéreo pesado contra o país, com o propósito de destruir a Força Aérea Real. Em 10 de julho, começou o que veio a ser conhecida como a “batalha da Grã-Bretanha”.

Hoje é 14 de julho, Dia Nacional da França. Há um ano, em Paris, eu assistia à parada suntuosa, pelos Champs Elysées, do Exército e do Império francês. Quem pode prever o que outros anos podem trazer? A fé nos foi dada para ajudar e confortar quando ficamos espantados diante do livro onde se desenrola o destino humano. Proclamo minha fé de que alguns de nós viverão para ver um 14 de julho quando uma França libertada irá de novo se alegrar na grandeza e na glória, e uma vez mais se afirmar como defensora da liberdade e dos direitos do homem. Quando o dia amanhecer, e amanhecer irá, a alma da França se voltará com compreensão e bondade para os franceses e francesas, onde quer que estejam e que, no momento mais difícil, não perderam as esperanças na República. ...

Agora, cabe a nós ficar sozinhos diante do que se rompeu e enfrentar o pior que o poderio e a inimizade do tirano podem fazer. Posicionando-nos diante de Deus, conscientes de que servimos a um propósito revelador, estamos prontos para defender a nossa terra natal contra a invasão da qual está ameaçada. Estamos lutando sozinhos *por* nós mesmos, mas não estamos lutando sozinhos *para* nós mesmos.

Aqui, nesta forte cidade do refúgio, que santifica os títulos do progresso humano e que é de profunda importância à civilização cristã; aqui, cercados

por mares e oceanos onde reina a Marinha e protegidos lá em cima pela valentia e devoção de nossos aviadores – esperamos sem medo o ataque iminente. Talvez seja hoje à noite, talvez seja na semana que vem. Talvez não aconteça nunca. Devemos nos mostrar igualmente capazes de enfrentar um repentino choque violento ou – o que talvez seja um teste mais difícil – uma vigília prolongada. Mas seja o desafio rápido ou longo, ou ambos, não vamos buscar acordos, não vamos tolerar negociação. Podemos mostrar misericórdia – não pediremos nenhuma.

Posso facilmente entender como alguns observadores simpatizantes do outro lado do Atlântico, ou como amigos ansiosos nos países ainda inviolados da Europa – que não podem medir nossos recursos ou nossa determinação – possam temer pela nossa sobrevivência, já que viram tantos Estados e reinos serem despedaçados em poucas semanas ou mesmo dias pela monstruosa força da máquina de guerra nazista. Hitler, no entanto, ainda não se impôs a uma grande nação que possua uma determinação semelhante à sua. Muitos destes países foram envenenados pela intriga, antes de serem destruídos pela violência. Foram apodrecidos por dentro antes de serem golpeados de fora. De que outra forma se pode explicar o que aconteceu com a França – com o Exército francês, com o povo francês, com os líderes do povo francês? ...

Temos um milhão e meio de homens armados no Exército britânico hoje à noite – e a cada semana de junho e julho a organização, as defesas e o próprio poder de ataque foram avançando a passos largos. Nenhum elogio é demais para os oficiais e homens – sim, e civis – que proporcionaram esta imensa transformação num período tão curto.

Por trás dos soldados do exército regular, como forma de destruir pára-quedistas, invasores transportados pelo ar e quaisquer traidores que possam ser encontrados entre nós (mas não acredito que sejam muitos – malditos sejam, vão ser castigados); por trás do exército regular há mais de um milhão de Voluntários da Defesa Local ou, como são melhor chamados, a Guarda Interna. Estes oficiais e homens – dos quais uma grande proporção lutou na última guerra – têm o intenso desejo de atacar e estar perto do inimigo, onde quer que ele possa aparecer.

Se o invasor chegar à Grã-Bretanha, não haverá a acomodação plácida do povo em submissão, como vimos, sim, em outros países. Vamos defender cada aldeia, cada vila e cada cidade. A grande população de Londres, lutando rua a rua, poderia facilmente destruir um inteiro exército hostil – e nós preferiríamos ver Londres em ruínas e cinzas a ser mansa e abjetamente escravizada. Sou obrigado a declarar estes fatos porque é necessário informar o povo sobre as nossas intenções e, assim, renovar a confiança deles. ...

Estou na liderança de um governo que possui representantes de todos os partidos no Estado – todos os credos, todas as causas, cada segmento reconhecido da opinião. Estamos situados logo abaixo da Coroa, na nossa antiga monarquia, apoiamo-nos em um Parlamento e em uma imprensa livre. Há, no entanto, um vínculo que nos une e nos sustenta aos olhos do público, como está ficando mais e mais notório, o de que estamos preparados para agir como um todo, para apoiá-lo e reforçá-lo. Hoje à noite, *este* é o elo de união em torno do governo de Sua Majestade. Somente assim, em tempos como estes, nações podem preservar a liberdade e, somente assim, podem sustentar a causa confiada aos seus cuidados.

Mas tudo depende agora da força de viver da raça britânica em todas as partes do mundo e de nossos povos amigos e simpatizantes em todo lugar, fazendo o máximo noite e dia, dando tudo, ousando tudo, suportando tudo – ao máximo – até o fim. Esta não é uma guerra de líderes ou de príncipes, de dinastias ou de ambição nacional, é uma guerra de povos e de causas. Há um grande número de pessoas, não só nesta ilha, como em outras terras, que irão prestar um serviço dedicado nesta guerra, mas cujos nomes jamais serão conhecidos, cujas ações jamais serão registradas.

Esta é uma guerra de guerreiros desconhecidos: vamos todos nos esforçar, sem falhar na fé ou no dever, e a maldição das trevas de Hitler desaparecerá de nossa época.

OS POUCOS

20 de agosto de 1940
Câmara dos Comuns

Enquanto a batalha da Grã-Bretanha atingia o seu ápice nos céus do sul do país, Churchill prestou este tributo imortal ao grupo de jovens de cuja habilidade e coragem dependiam a sobrevivência da nação e a causa da liberdade.

Quase um ano já se passou desde que a guerra começou. É natural dar uma pausa em nossa jornada neste marco histórico e avaliar o contexto, amplo e sombrio. É também útil comparar o primeiro ano desta segunda guerra con-